



AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA NA ESCOLA: UM COMPROMISSO DE TODOS

Eronice Rodrigues Francisco¹

RESUMO

A avaliação do processo de aprendizagem apresenta três formas de participação: auto-avaliação, coavaliação e heteroavaliação, formas que sozinhas não conseguem cumprir a tarefa, por isso necessitam da presença do facilitador e dos participantes e, também, da utilização de estratégias, técnicas, procedimentos e instrumentos que lhes permitam evidenciar o processo, como é o caso do uso de checklists, escalas de estimativa, diários dos alunos, cartas aos professores ou professoras, formas de afetação e processos, portfólio, registros anedóticos, cadernos de anedotas, jogos, técnicas sociométricas como o sociograma e a escala de distância social, entre outros. Diante disso, este estudo almeja analisar as formas de participação dos membros da comunidade escolar em processos avaliativos sistemáticos efetivados no cotidiano escolar. Observou-se que todas as formas de avaliar proporcionam um ambiente agradável onde o participante pode expressar livremente tudo o que enriquece ou atrapalha o processo e tudo o que ele conseguiu aprender e o quanto precisa adquirir para se desenvolver na vida. Só assim a avaliação deixa de ser um instrumento de controle para medir o que o participante ainda tem a aprender e não o quanto adquiriu.

Palavras-chave: Avaliação; Comunidade Escolar; Formas de Participação.

ABSTRACT

The evaluation of the learning process presents three forms of participation: self-evaluation, co-evaluation and hetero-evaluation, forms that alone cannot accomplish the task, so they need the presence of the facilitator and the participants, and also the use of strategies, techniques, procedures and instruments that allow them to evidence the process, such as the use of checklists, estimation scales, student diaries, letters to teachers, forms of allocation and processes, portfolio, anecdotal records, notebooks of anecdotes, games, sociometric techniques such as the sociogram and the social distance scale, among others. Therefore, this study aims to analyze the forms of participation of the members of the school community in systematic evaluation processes carried out in the school routine. It was observed that all forms of evaluation provide a pleasant environment where the participant can freely express everything that enriches or hinders the process and everything that he has been able to learn and how much he needs to acquire to develop in life. Only in this way does the evaluation cease to be a control instrument to measure what the participant still has to learn and not how much he has acquired.

Keywords: Evaluation; School Community; Forms of Participation.

¹ Primeiramente, farei um breve histórico da minha formação acadêmica e profissional. A minha formação acadêmica consiste inicialmente na graduação no curso de LETRAS (2007), oferecido pela Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT. Sou licenciada também em Pedagogia oferecida Faculdade Albert Einstein- FALBE. Sou especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdades Integradas de Cassilândia- FIC. Sou mestre em Ciências da Educação oferecido pela Universidad Gran Asunción- INIGRAN, localizada no Paraguai. Há doze anos tive a oportunidade de ingressar na carreira docente, atuando especificamente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Particpei de vários cursos complementares e programas como Programa de Formação de Professores Alfabetizadores PROFA, curso de Extensão: Pró-LETRAMENTO em MATEMÁTICA, curso de Aperfeiçoamento para LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO para as séries iniciais do Ensino Fundamental



INTRODUÇÃO

A avaliação serve apenas como instrumento de controle ao apontar o quanto o participante ainda tem a aprender, em vez de dizer-lhe o quanto conseguiu com o seu esforço e quais as limitações que o impedem de descobrir como reorientar com sucesso as dificuldades da vida (VALLE et al., 2020).

Se na realidade a avaliação fosse feita como um processo natural, simples e prazeroso que nos permitisse subir os degraus da vida cotidiana para melhorar a qualidade de cada fase do desenvolvimento a partir de experiências anteriores, para modificá-las ou enriquecê-las de acordo com o contexto em qual o sujeito vive e atua, então sim, a avaliação cumpriria o papel que o professor ainda não lhe atribuiu (MIGNOSI, 2021).

Caberia perguntar: o aprendizado adquirido serve para conexão com outros temas? Por que motivos os sujeitos tomam decisões válidas para enfrentar situações difíceis e sair delas com sucesso? Por que buscamos sempre melhorar o que não deu certo até agora? Por que procurar nossos pares para perguntar a opinião deles sobre algo que não está claro, para não cometer o erro novamente? Por que os julgamentos de valor são feitos com grande precisão? (FERREIRA, 2020).

Essas questões contêm um pouco do porquê dos erros em que está imersa a avaliação como instrumento de controle. As experiências anteriores são descartadas e o processo de aprendizagem começa, por mais que o participante conheça sobre o tema com que se inicia a atividade diária. Começa aí porque o programa assim o exige, sem dar ao aluno a oportunidade de aceitá-lo ou rejeitá-lo (FERREIRA; OLIVEIRA, 2021).

Busca-se sempre que o sucesso prevaleça sobre o erro, e é bom que assim seja, mas sem descartar o conhecimento que este – o erro – produz no sujeito que o comete, pois, a verdadeira aprendizagem é uma busca permanente de reflexão, a reorientação e reestruturação permanente do conhecimento como forma constante de revisão para melhorá-lo e enriquecê-lo (GATTI, 2021).

Assim, a atividade realizada em sala de aula deve ter como objetivo solucionar as diferenças que surgem no cotidiano e não apenas cumprir o cronograma e preencher os cadernos do participante com conteúdos, pois o histórico



de conhecimento não indica os mesmos itens que contém as páginas repletas de escritos e números, muitas vezes sem sentido para o participante.

O tempo passado em sala de aula deve ser aproveitado não só para a formação, o que é óbvio, mas também para o planejamento de atividades que lhes permitam descansar, recrear e utilizar os tempos livres com jogos e passatempos que enriqueçam o seu desempenho acadêmico (MIGNOSI, 2021).

Deve haver também um momento de descanso em que o sujeito se reencontre consigo mesmo, seja para pensar em uma atividade que lhe agrada, para trazer à mente o problema que o perturba ou, simplesmente, para dar asas à imaginação de seu filho. menina ou adolescente. Este tempo ajuda a refletir, a sentir a necessidade de fazer uma verdadeira autoavaliação sem mentiras, a pensar livremente, a sonhar, entre outros, porque estes momentos dão sentido à vida (FERREIRA, 2020).

Nesse sentido, os instrumentos utilizados para a coleta de informações devem contribuir para a consolidação de uma aprendizagem altamente significativa no aluno, além de realmente conhecer o motivo de suas ações em sala de aula, uma vez que a educação integral inclui inteligência, corpo, sentimentos, valores e a espiritualidade como um todo e não fragmentada como se pretende instalar na mente do sujeito (GATTI, 2021).

Frente a essas considerações, o presente estudo tem a meta de analisar as formas de participação dos membros da comunidade escolar em processos avaliativos sistemáticos efetivados no cotidiano escolar. Para tanto, trabalha seções como *Questões Relacionadas à Avaliação; Formas de Participação; Relatos Familiares e Sua Importância no Processo Avaliativo; Técnicas Sociométricas e as Conclusões e Recomendações.*

QUESTÕES RELACIONADAS À AVALIAÇÃO

Nessa ordem de ideias, já se evidencia a complexidade dos processos avaliativos, sendo a ajuda de representantes da comunidade escolar primal para fornecer algumas informações sobre o ambiente de fundo que se tornará uma nuvem espessa e poderá ser cruzada para descobrir os altos e baixos desse comportamento adequado ou não. Portanto, se os requisitos mencionados nas



formas de autoavaliação de participação, coavaliação e heteroavaliação forem realizados em sua devida dimensão, todos saem ganhando (FERREIRA, 2020).

O processo de aprendizagem acontece de forma contínua, holística e duradoura, pois cada degrau que é escalado nos permite consolidar esse aprendizado e com ele superar as limitações e atender às necessidades de cada um. Esses procedimentos avaliativos, bem atendidos pelo professor, levarão cada pessoa a descobrir o quanto sabe e o quanto ainda precisa aprender para percorrer o caminho da vida com verdadeira liberdade (MIGNOSI, 2021).

Só assim ler, escrever, contar, inventar, pensar, expressar livremente o que sente – seja com prazer ou com rejeição – ganha sentido e tolerância para poder ficar tantas horas sentado em sala de aula; porque até agora o tempo se alonga e o conhecimento fica menor e até é esquecido porque não tem utilidade imediata e então o comportamento do sujeito não reflete na vida o resultado que a sociedade exige. Daí se dizer que a vida e a rua arranham a escola.

Nesse sentido, a democracia, a participação e a liberdade perderam a razão de existir na nossa sociedade. Salas de aula com alunos calados porque têm medo de se expressar – oralmente ou por escrito – ou salas de aula com total indisciplina não promovem a democracia, a participação e a liberdade e muito menos consolidam forças como antídoto para superar limitações (GATTI, 2021).

A instituição escolar, por meio de seus professores, reconhece um aluno como participativo quando ele aceita passivamente tudo o que é imposto em sala de aula, mas quando os pontos de vista do professor divergem, o menino, a menina ou o jovem torna-se um caso problemático. Aí, as suas necessidades, os seus direitos, as suas responsabilidades, as suas emoções e muito menos a sua dignidade como pessoa, não são reconhecidos. O clima de aceitação e respeito não existe ali (VALLE et al., 2020).

Para assumir o desafio, o verdadeiro educador deve promover a participação real e sincera, a livre expressão do pensamento e, portanto, a democracia participativa, com o único propósito de que o aluno desfrute da vida plenamente e em liberdade.

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO



A avaliação como processo de aprendizagem merece levar em conta as formas de participação: *autoavaliação*, *coavaliação* e *heteroavaliação* através do uso de estratégias que considerem não apenas o acúmulo de conhecimento, mas também o comportamento individual e social dentro e fora do ambiente. a classe, os hábitos pessoais e sociais, as atitudes, os interesses, as expectativas, as necessidades, os gostos por determinadas atividades e a rejeição de outras, mas sobretudo o ritmo de aprendizagem, ligado ao seu desenvolvimento motor.

Ferreira (2020) aponta que a autoavaliação é um processo eficaz para saber o que se aprende, no caso dos alunos; e quanto aos professores, algumas das formas de autoavaliação servem perfeitamente para verificar o seu próprio desempenho. Nesse sentido, a autoavaliação é um processo que permite ao participante conhecer suas potencialidades e limitações e com elas tomar as medidas necessárias para aumentar seu conhecimento e buscar ajuda para superar os obstáculos que interferem no seu processo de aprendizagem.

Esse crescimento acadêmico abre portas para fazer julgamentos de valor sobre seu comportamento emocional e acadêmico; permite analisar as razões dos seus sucessos e fracassos; retroalimenta seu processo de aprendizagem e contribui para o de seus colegas (VALLE et al., 2020).

Com consciência crítica, avalia seu processo de aprendizagem, aceitando seus sucessos e fracassos como produto de suas experiências e com eles evita cometer novos erros. São sugeridas estratégias que levem o participante a expressar sua opinião sobre seu crescimento acadêmico, incluindo checklists e escalas de estimativa desenvolvidas de acordo com a atividade que realiza e não o exemplar do livro que o professor tem em mãos a sua disposição porque a informação necessária à avaliação não é recolhida desta forma; os diários de aula dos participantes, escritos com a seriedade do caso, pois captam as situações agradáveis ou desagradáveis pelas quais o sujeito passa, as formas de afetação e os processos que dão a conhecer as intenções, as interações e efeitos, e outras onde o participante expressa o quanto aprendeu e o quanto ainda precisa aprender (MIGNOSI, 2021).

Assim, os diários de aula servem simplesmente para descrever a atividade realizada em sala de aula. Neles está escrito o que há de mais significativo e representativo de cada dia, respeitando a ordem temporal dos



acontecimentos. Constituem uma ferramenta bidirecional porque tanto o professor quanto o participante são avaliados na sua dimensão correta (GATTI, 2021).

Quando revisados periodicamente, fornecem informações sobre as atividades cotidianas e a avaliação das dinâmicas utilizadas em sala de aula, especialmente no que diz respeito às relações e interações pessoais – inclusive do professor – e às dificuldades e conquistas detectadas no desenvolvimento de determinadas aprendizagens. Eles também servem como um instrumento de diagnóstico muito útil para aprofundar as causas do problema.

Outra estratégia que pode ser utilizada são anedotas, registros anedóticos, registros de incidentes ou arquivos anedóticos, que são descrições de incidentes e eventos significativos. São sugeridas algumas recomendações que contribuem para melhorar o desempenho do participante e que por sua vez corrigem as dificuldades encontradas durante a observação.

A espontaneidade do instrumento torna-se uma lâmina de dois gumes porque quando um evento não previsto é registrado, ajuda na avaliação, mas por não ser um instrumento estruturado, é afetado pela subjetividade do observador. Este instrumento deve ser utilizado para todos os tipos de incidentes e não apenas para alunos com problemas.

As escalas de observação, também chamadas de escalas de avaliação, escalas descritivas de avaliação ou outras, são um instrumento que coleta habilidades ou situações que merecem ser observadas. Podem ser utilizadas escalas numéricas ou verbais. Eles garantem objetividade até certo ponto (FERREIRA; OLIVEIRA, 2021).

Por outro lado, sendo a coavaliação um processo de avaliação recíproca, com aquele acúmulo de experiências que a sua autoavaliação lhe proporciona, ele enriquece e retroalimenta a aprendizagem do seu grupo de acordo com os cânones estabelecidos pela instituição (GATTI, 2021).

Ao ter consciência do seu processo, você sabe a que atribuir as suas conquistas e as do grupo; participa e critica construtivamente aspectos onde devem ser feitas contribuições importantes com o único propósito de melhorar a aprendizagem em grupo. Ele sabe com certeza qual é o seu comportamento grupal e qual é a sua contribuição pessoal e em ambos inclui um aspecto altamente significativo como a integração grupal, sabe qual é a sua responsabilidade e qual a contribuição que dá ao trabalho que realiza e com esse acúmulo, tem as cartas



em mãos para fazer julgamentos avaliativos sobre o trabalho em grupo e a coesão necessária no trabalho ou atividade planejada (MIGNOSI, 2021).

É necessário realizar coavaliações orais e expressar com sinceridade os aspectos que poderiam ser melhorados pelos colegas. É um contrassenso dizer que tudo correu bem, pois sempre há algum detalhe que merece atenção para melhorá-lo. A linguagem deve ter cuidado para não ofender a sensibilidade das pessoas, por sua vez, ler algumas cartas dedicadas ao professor, desde que o responsável manifeste o desejo de lê-las diante do grupo; igual consideração pela leitura dos diários, pois ambos contêm situações íntimas que não devem ser publicadas sem a autorização do sujeito que os escreve (VALLE et al., 2020).

Os relatórios familiares e representativos também fornecem informações para coavaliação. Os registros anedóticos e o caderno de anedotas podem ser lidos em sala de aula, de forma anônima ou com autorização do participante. O comentário é feito sobre o aspecto que deve ser melhorado como contribuição para que o grupo mude ou melhore aquilo que contribui para o seu crescimento acadêmico e pessoal.

Ferreira (2020) menciona que a coavaliação permite que todos sejam objeto e sujeitos da avaliação, interagindo nos processos didáticos e de aprendizagem. A melhor avaliação é aquela que nos torna conscientes das nossas próprias conquistas e aprendizados.

Outro instrumento utilizado para coletar informações é o portfólio. Os trabalhos escritos são armazenados ali de forma ordenada para que o participante possa observar seu progresso durante o processo de aprendizagem. O aluno compila aspectos que demonstram seus esforços, seus pontos fortes e fracos, seus talentos, suas habilidades, suas ideias, suas conquistas e pontos fracos. Promove a criatividade e a autorreflexão, bem como o trabalho em grupo para analisar, esclarecer, avaliar e explorar o seu próprio processo de aprendizagem (FERREIRA; OLIVEIRA, 2021).

Com o portfólio podem ser utilizadas as três formas de participação, e com elas retroalimentar o processo, e o professor e participante conhecem e avaliam seu conteúdo, antes de enviá-lo ao representante e este recebe e observa os produtos contidos no portfólio. Quando o portfólio é utilizado como instrumento de controle, é necessário realizar um planejamento sistemático do processo de



aprendizagem; só então o trabalho real é incluído nele. Além disso, sua utilização leva ao compromisso de envolver o aluno em seu autoconhecimento. processo de avaliação e ajudá-los a tomar consciência dos seus pontos fortes e fracos (VALLE et al., 2020).

Quando o portfólio é utilizado como instrumento de controle, é necessário realizar um planejamento sistemático do processo de aprendizagem; só então o trabalho real é incluído nele. Além disso, sua utilização leva ao compromisso de envolver o aluno em seu autoconhecimento. processo de avaliação e ajudá-los a tomar consciência dos seus pontos fortes e fracos (YAMASAKI; WANDERBROOKE, 2019).

Nesse sentido, com estas formas de participação, é necessário ter em conta o conjunto de respostas significativas que o aluno dá aos estímulos que recebe porque com estas respostas ele não só responde aos estímulos, mas também dá uma interpretação pessoal aos estímulos de cada um. É por isso que diante de uma determinada situação dois sujeitos respondem de maneira diferente a ela e à explicação do facilitador, cada participante assimila seu conteúdo à sua maneira, por isso quem emite a explicação precisa entender cada um. desses comportamentos (YAMASAKI; WANDERBROOKE, 2019).

Este comportamento do aluno responde às necessidades e interesses do aluno e ao desejo principal de satisfazê-los plenamente. Todos eles fazem com que ele se sinta seguro, aceito pelos outros, reconhecido socialmente, lhe conferem certo prestígio e lhe permitem adquirir novas experiências (VALLE et al., 2020).

Portanto, se o participante trabalha e brinca em harmonia com o grupo, se se comporta com cortesia e bom trato, ou seja, além de falar bem, o faz com boa dicção e vocabulário adequado. Quando ele se comporta fora dos parâmetros estabelecidos, ele reconhece isso com humildade e respeito, pois a educação não tira a coragem, aí mesmo ele assume seu comportamento com responsabilidade.

RELATOS FAMILIARES E SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO AVALIATIVO

Da mesma forma, o ambiente familiar e social determina e condiciona a forma de agir de cada participante. Os setores rural e urbano, o grau acadêmico



do pai e da mãe, o rendimento económico de ambos, contribuem ou prejudicam este comportamento e o seu desempenho. Os pais e/ou representantes são o fio condutor entre a escola e a comunidade, uma vez que relatam o comportamento que observam nos seus clientes a qualquer hora do dia, bem como a forma como tratam os seus irmãos e familiares, o que reflete diretamente seu carácter, seus gostos, suas preferências na realização de tarefas escolares e familiares (MIGNOSI, 2021).

Em seguida, a escola reporta o desempenho e o comportamento das crianças aos seus representantes e os pais respondem no relatório solicitado pela professora sobre aqueles aspectos que lhes interessam e/ou também sobre alguns detalhes familiares, principalmente no início do ano letivo. Essas informações podem ser obtidas por meio de entrevistas, cartas, relatórios, boletins, entre outros. Se os pais fornecem informações sobre o conhecimento de seu comportamento em casa, o professor se certifica do motivo desse comportamento (GATTI, 2021).

Este relatório deve ser do conhecimento do representante para que este lhe dê a devida importância, pois com este relatório indica de forma objetiva a situação que o aluno vivencia nos momentos em que não está em sala de aula. Para a preparação devem ser levadas em consideração as ideias contribuídas pelo representante.

TÉCNICAS SOCIOMÉTRICAS

Outra forma de conhecer o comportamento do participante é aplicando técnicas sociométricas a todo o grupo, com as quais descobrimos, entre outras: aceitação, rejeição, liderança, prazer em trabalhar e compartilhamento de atividades típicas do nível acadêmico, como forma de avaliar aceitação social de cada um dos alunos e a estrutura social do grupo (YAMASAKI; WANDERBROCKE, 2019).

É necessário que o professor compreenda que a aceitação de cada um dos alunos pelo grupo constitui um incentivo para estimular e promover uma aprendizagem altamente significativa e contribuir para o estado emocional do participante, por este motivo, a atividade dentro da sala de aula deve ser



planejada para o grupo a fim de conhecer as relações existentes entre os membros da turma (FERREIRA; OLIVEIRA, 2021).

Nesse sentido, o questionário deve incluir reagentes ou questões com as quais se infere a rejeição ou aceitação de cada aluno pelo grupo. Essas seleções devem ser reais, ou seja, baseadas nas atividades realizadas em sala de aula, ajustadas às regras da sala de aula, com liberdade de participação, estritamente confidenciais, cada aluno precisa saber os nomes de seus colegas e saber escrevê-los. Estas seleções devem permitir a reestruturação ou organização do grupo (MIGNOSI, 2021).

Recomenda-se que na primeira fase sejam perguntados apenas os nomes de três colegas de turma, porque os estudantes têm dificuldade em discriminar além desse número de seleções. Esperar que a primeira seleção de um aluno tenha mais importância que as demais não é um julgamento que forneça a verdade final do fato (GATTI, 2021).

Embora seja verdade que uma primeira seleção pode ser extremamente forte para alguns, outros podem sentir essa mesma força, para vários amigos, sem que essa ordem implique o grau de aceitação, uma vez que não consegue diferenciar ou discriminar a preferência. Essas seleções darão alguns como estrelas, outros como rejeitados. Se duas pessoas escolhem uma à outra, elas são chamadas de seleções mútuas (VALLE et al., 2020).

As técnicas sociométricas servem para organizar grupos, melhorar o ajustamento social dos alunos e do grupo e, sobretudo, avaliar a influência que a instituição exerce nas relações sociais dos alunos.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O educador precisa tornar-se um pesquisador permanente no próprio processo de aprendizagem, a fim de demonstrar o grau de aprendizagem de cada participante e, por outro lado, na busca de alternativas que facilitem a apreensão do conhecimento. Assim, conhecer as estratégias que se adaptam às formas de participação na avaliação torna a sua tarefa mais prazerosa.

A observação precisa se tornar a técnica mais confortável e fácil de manusear, mas assim como os registros anedóticos, torna-se uma lâmina de dois gumes se a subjetividade for permitida, por isso o educador precisa levar em



consideração: interesses, expectativas, idade, necessidades, nível acadêmico, gostos, relações pessoais, mas sobretudo, o ritmo de aprendizagem para não prejudicar o desempenho do participante.

Como buscador de alternativas, você pode combinar estratégias de facilitação da aprendizagem. Estratégias que estimulam a criatividade dão excelentes resultados, principalmente se a autoavaliação e a coavaliação forem colocadas em prática dentro da sala de aula, e ambas as formas servem como antídoto para superar limitações.

O portfólio é um instrumento que permite armazenar o trabalho do participante, principalmente em termos de escrita, pois esta é a base da aprendizagem, juntamente com a leitura, para consolidar as demais áreas.

Portanto, outro aspecto importante vem do ambiente de aprendizagem que proporciona ao grupo, pois estimula tanto o aluno quanto o grupo. Os lentos e tímidos são incentivados num clima emocional e com estratégias prazerosas que incluem o brincar como ferramenta de aprendizagem, para não alimentar o lazer, o trabalho dá melhores resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Sandra Lúcia; OLIVEIRA, Eduardo Paiva. A autoavaliação institucional participativa na educação infantil: desafios e possibilidades. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 26, n. 3, p. 1-13, 2021.

FERREIRA, Silvana. **Evasão e Avaliação Escolar na Era da Educação Digital: Por uma Prática de Ensino Participativa e Integrada às Demandas Sociais**. Editora Appris, 2020.

GATTI, Bernardete A. **O trabalho docente: avaliação, valorização, controvérsias**. Autores Associados, 2021.

MIGNOSI, Elena. Avaliação participativa e continuidade nas instituições educativas de zero a seis anos: uma pesquisa-intervenção em um bairro da cidade de Palermo. **Educar em Revista**, v. 37, 2021.



VALLE, Maria Raimunda Lima et al. Avaliação participativa nos espaços pedagógicos: análise de uma instituição escolar do Norte do Brasil. **Regae-Revista de Gestão e Avaliação Educacional**, v. 9, n. 18, p. 1-17, 2020.

YAMASAKI, Flávia; WANDERBROOKE, Ana Cláudia; DE CAMARGO, Denise. Avaliação participativa de uma Universidade Aberta à Terceira Idade: perspectiva dos idosos. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 22, n. 1, p. 635-655, 2019.